

PAPA FRANCISCO

CATEQUESE SOBRE AS BEM-AVENTURANÇAS¹

1. Introdução

Audiência geral - Quarta-feira, 29 de janeiro de 2020

Hoje iniciamos uma série de catequeses sobre as Bem-aventuranças no Evangelho de Mateus (5, 1-11). Este texto abre o “Sermão da Montanha” e iluminou a vida dos crentes, e também de muitos não-crentes. É difícil não se comover com estas palavras de Jesus, e é justo o desejo de as compreender e acolher cada vez mais plenamente. As Bem-aventuranças contêm o “bilhete de identidade” do cristão — este é o nosso bilhete de identidade — porque delineiam o rosto do próprio Jesus, o seu estilo de vida.

Agora enquadremos estas palavras de Jesus globalmente; nas próximas catequeses comentaremos cada uma das bem-aventuranças, uma de cada vez.

Antes de tudo, é importante *como* surgiu o anúncio desta mensagem: Jesus, vendo a multidão que o seguia, sobe à suave encosta que rodeia o lago da Galileia, senta-se e, dirigindo-se aos discípulos, anuncia as bem-aventuranças. Portanto, a mensagem é dirigida aos *discípulos*, mas no horizonte está a multidão, ou seja, toda a humanidade. É uma mensagem para toda a humanidade.

Além disso, a “montanha” faz recordar o Sinai, onde Deus entregou os Mandamentos a Moisés. Jesus começa a ensinar uma nova lei: ser pobre, ser manso, ser misericordioso... Estes “novos mandamentos” são muito mais que normas. De fato, Jesus nada impõe, mas revela o caminho da felicidade — o *seu* caminho — repetindo a palavra “*felizes*” oito vezes.

Cada Bem-aventurança compõe-se de três partes. Inicia sempre com a palavra “*felizes*”; depois vem a *situação* na qual os felizes se encontram: pobreza de espírito, aflição, fome e sede de justiça, e assim por diante; por fim há o *motivo* da bem-aventurança, introduzido pela conjunção “porque”: “Felizes estes porque, felizes aqueles porque...” Assim as Bem-aventuranças são oito e seria bom aprendê-las de cor para as repetir, a fim de ter na mente e no coração esta lei que Jesus nos deu.

Prestemos atenção a este fato: o motivo da bem-aventurança não é a situação atual, mas a nova condição que os bem-aventurados recebem como dom de Deus: “porque deles é o reino do céu”, “porque serão consolados”, “porque possuirão a terra”, e assim por diante.

¹ Compilação: Pe. Simão Valenga, CM. Citações da Bíblia Sagrada, tradução oficial da CNBB.

No terceiro elemento, que é precisamente o motivo da felicidade, Jesus usa muitas vezes um futuro passivo: “serão consolados”, “possuirão a terra”, “serão saciados”, “alcançarão a misericórdia”, “serão chamados filhos de Deus”.

Mas o que significa a palavra “*feliz*”? Por que começa cada uma das oito Bem-aventuranças com a palavra “feliz”? O termo original não indica alguém que tem a barriga cheia ou está bem na vida, mas é uma pessoa que está em condição de graça, que progride na graça de Deus e no caminho de Deus: a paciência, a pobreza, o serviço aos outros, a consolação... Quantos progredirem nestes aspetos são felizes e serão bem-aventurados.

Deus, para se doar a nós, escolhe muitas vezes caminhos impensáveis, talvez os dos nossos limites, das nossas lágrimas, das nossas derrotas. É a alegria pascal da qual falam os nossos irmãos orientais, aquela que tem os estigmas, mas está viva, atravessou a morte e experimentou o poder de Deus. As Bem-aventuranças conduzem-nos à alegria, sempre; são o caminho para alcançar a alegria. Far-nos-á bem hoje abrir o Evangelho de Mateus, capítulo cinco, versículos de um a onze e ler as Bem-aventuranças — talvez várias vezes durante a semana — para compreender este caminho tão bonito, tão seguro da felicidade que o Senhor nos propõe.

2. “Felizes os pobres no espírito, pois deles é o Reino do Céus” (Mt 5, 3)

Audiência geral - Quarta-feira, 5 de fevereiro de 2020

Hoje confrontamo-nos com a primeira das oito bem-aventuranças do Evangelho de Mateus. Jesus começa a proclamar o seu caminho para a felicidade com um anúncio paradoxal: “*Felizes os pobres no espírito, pois deles é o Reino do Céu*” (5, 3). Um caminho surpreendente, e um estranho objeto de bem-aventurança, a pobreza.

Devemos perguntar-nos: o que se entende aqui por “*pobres*”? Se Mateus usasse apenas esta palavra, então o significado seria simplesmente económico, ou seja, indicaria pessoas que têm pouco ou nenhum meio de subsistência e precisam da ajuda dos outros.

Mas o Evangelho de Mateus, ao contrário de Lucas, fala de “pobres no *espírito*”. O que significa isto? O espírito, segundo a Bíblia, é o sopro de vida que Deus comunicou a Adão; é a nossa dimensão mais íntima, digamos, a dimensão espiritual, a mais íntima, a que nos torna humanos, o núcleo mais profundo do nosso ser. Então os “pobres no espírito” são aqueles que são e se sentem pobres, mendigos, nas profundezas do seu ser. Jesus proclama-os bem-aventurados, porque o Reino do Céu lhes pertence.

Quantas vezes nos foi dito o contrário! É preciso ser algo na vida, ser alguém... É necessário ser famoso... É disto surgem a solidão e a infelicidade: se eu tenho que ser “alguém”, estou em competição com os outros e vivo numa preocupação obsessiva pelo meu ego. Se não aceito ser pobre, odeio tudo o que me lembra a minha fragilidade. Porque essa fragilidade me impede de ser uma pessoa importante, uma pessoa rica não só de dinheiro, mas de fama, de tudo.

Todos, diante de si, sabem que, por mais que se esforcem, permanecem sempre radicalmente incompletos e vulneráveis. Não há pintura alguma que cubra esta vulnerabilidade. Todos são vulneráveis dentro. É preciso ver onde. Mas como vivemos mal se rejeitamos os próprios limites! Vive-se mal. Não se digere o limite. Está ali. Pessoas orgulhosas não pedem ajuda, não podem pedir ajuda porque têm de ser autossuficientes. E quantas delas precisam de ajuda, mas o orgulho impede que peçam ajuda. E como é difícil admitir um erro e pedir perdão! Quando dou conselhos aos recém-casados, que me perguntam como levar por diante o seu matrimônio, respondo-lhes: “Há três palavras mágicas: com licença, obrigado, desculpa”. São palavras que vêm da pobreza de espírito. Não se deve ser intrometido, mas pedir licença: “Que te parece se fizermos isto?”, para que haja diálogo em família, esposo e esposa dialogam. “Fizeste isto por mim, obrigado, eu precisava”. Depois cometem-se sempre erros, vacila-se: “Desculpa”. E geralmente, casais, os recém-casados, aqueles que estão aqui e muitos, dizem-me: “A terceira é a mais difícil”, pedir desculpa, pedir perdão. Porque o homem orgulhoso não consegue. Ele não pode pedir desculpa: ele tem sempre razão. Não é pobre de espírito. Ao contrário, o Senhor nunca se cansa de perdoar; somos nós que infelizmente nos cansamos de pedir perdão (cf. *Angelus*, 17 de março de 2013). O cansaço de pedir perdão: esta é uma doença horrível!

Por que é difícil pedir perdão? Porque isso humilha a nossa imagem hipócrita. No entanto, viver procurando esconder as nossas falhas é cansativo e angustiante. Jesus Cristo diz-nos: ser pobre é uma ocasião de graça; e mostra-nos o caminho para sair desta fadiga. É-nos dado o direito de sermos pobres em espírito, porque este é o caminho do Reino de Deus.

Mas há uma coisa fundamental que deve ser reiterada: não nos devemos transformar para nos tornarmos pobres em espírito, não devemos fazer transformação alguma porque já somos pobres! Nós somos pobres... ou mais claramente: somos “muito pobres” em espírito! Nós precisamos de tudo. Somos todos pobres em espírito, somos mendigos. É a condição humana.

O Reino de Deus é dos pobres em espírito. Há aqueles que têm os reinos deste mundo: possuem bens e conforto. Mas são reinos que acabam. O poder dos homens, mesmo os maiores impérios, passam e desaparecem. Muitas vezes vemos nas notícias ou nos jornais que aquele governante forte e poderoso ou aquele governo que ontem existia e hoje já não existe, caiu. As riquezas deste mundo desaparecem, e o dinheiro também. Os idosos ensinavam-nos que a mortalha não tinha bolsos. Isto é verdade. Nunca vi atrás de um cortejo fúnebre um caminhão para a mudança. Ninguém leva nada. Estas riquezas ficam aqui.

O Reino de Deus é dos pobres em espírito. Há aqueles que têm os reinos deste mundo, têm bens e conforto. Mas nós sabemos que eles acabam. Reina deveras quem sabe amar o verdadeiro bem mais do que a si mesmo. Tal é o poder de Deus.

Como se mostrou Cristo poderoso? Pois Ele soube fazer o que os reis da terra não fazem: dar a sua vida pelos homens. E esse é o verdadeiro poder. Poder da fraternidade, poder da caridade, poder do amor, poder da humildade. Foi o que Cristo fez.

Nisto reside a verdadeira liberdade: quem tem este poder de humildade, de serviço, de fraternidade, é livre. Ao serviço desta liberdade está a pobreza louvada pelas bem-aventuranças.

Pois existe uma pobreza que devemos aceitar, a do nosso ser, e uma pobreza que, ao contrário, devemos procurar, a pobreza concreta, das coisas deste mundo, para sermos livres e podermos amar. Devemos procurar sempre a liberdade do coração, a liberdade que está enraizada na pobreza de nós mesmos.

3. “Bem-aventurados os que choram, pois eles serão consolados” (Mt 5, 4).

Audiência geral - Quarta-feira, 12 de fevereiro de 2020

Empreendemos o caminho das bem-aventuranças e hoje analisamos a segunda: bem-aventurados os que choram, pois eles serão consolados.

Na língua grega em que o Evangelho é escrito, esta bem-aventurança é expressa com um verbo que não está no passivo — na verdade os bem-aventurados não são vítimas desse choro — mas no ativo: “*os que choram*”; choram, mas por dentro. É uma atitude que se tornou central na espiritualidade cristã, à qual os padres do deserto, os primeiros monges da história, chamaram “*penthos*”, ou seja, uma dor interior que se abre a uma relação com o Senhor e com o próximo.

Este choro, nas Escrituras, pode ter dois aspetos: o primeiro é pela morte ou sofrimento de alguém. O outro aspecto são as lágrimas pelo pecado — pelo próprio pecado — quando o coração sangra pela dor de ter ofendido a Deus e ao próximo.

Trata-se, portanto, de amar o outro de maneira tal que nos vinculamos a ele ou a ela até compartilharmos a sua dor. Há pessoas que permanecem distantes, um passo atrás; ao contrário, é importante que os outros conquistem o nosso coração.

Falei muitas vezes do dom das lágrimas, e de como é precioso (cf. Exort. ap. pós-sin. *Christus vivit*, 76; *Discurso aos jovens da Universidade de São Tomás*, Manila, 18 de janeiro de 2015; *Homilia na quarta-feira de Cinzas*, 18 de fevereiro de 2015). Podemos amar de uma forma fria? Podemos amar por função, por dever? Claro que não. Há alguns aflitos para consolar, mas às vezes há também consolados

para afligir, para despertar, que têm um coração de pedra e não aprenderam a chorar. É necessário também despertar as pessoas que não se deixam comover pela dor dos outros.

O luto, por exemplo, é um caminho amargo, mas pode ser útil para abrir os olhos para a vida e para o valor sagrado e insubstituível de cada pessoa, e nesse momento percebemos quão curto é o tempo.

Há um segundo significado desta paradoxal bem-aventurança: *chorar pelo pecado*.

Aqui é necessário distinguir: há aqueles que estão irados por terem cometido um erro. Mas isto é orgulho. Ao contrário, há quem chora pelo mal feito, pelo bem omitido, e pela traição do relacionamento com Deus. Este é o choro por não ter amado, que nasce da preocupação pelas outras pessoas. Neste caso, choramos porque não correspondemos ao Senhor que nos ama tanto, e entristece-nos o pensamento do bem que não praticamos; este é o significado do pecado. Estes dizem: “*Ofendi aquele que amo*”, e isto os faz sofrer até às lágrimas. Deus seja abençoado se houver estas lágrimas!

Este é o tema dos próprios erros a enfrentar, difícil, mas vital. Pensemos no choro de São Pedro, que o levará a um amor novo e muito mais verdadeiro: é um choro que purifica, que renova. Pedro olhou para Jesus e chorou: o seu coração foi renovado. Ao contrário de Judas, que não aceitou ter errado e, pobre homem, suicidou-se. A compreensão do pecado é um dom de Deus, é uma obra do Espírito Santo. Nós, sozinhos, não conseguimos entender o pecado. É uma graça que devemos pedir. Senhor, que eu entenda o mal que cometi ou o que posso cometer. Este é um dom muito grande e depois de ter compreendido isto, vem o choro de arrependimento.

Um dos primeiros monges, Efrem, o Sírio, diz que um rosto lavado pelas lágrimas é de uma beleza indescritível (cf. *Discurso ascético*). A beleza do arrependimento, a beleza do choro, a beleza da contrição! A vida cristã tem sempre a sua melhor expressão na misericórdia. Sábio e bem-aventurado é aquele que acolhe a dor relacionada com o amor, porque receberá a consolação do Espírito Santo que é a ternura de Deus que perdoa e corrige. Deus perdoa sempre: não nos esqueçamos disto. Deus perdoa sempre, até os piores pecados, sempre. O problema está em nós, que nos cansamos de pedir perdão, fechamo-nos e não pedimos perdão. É este o problema, mas Ele está ali para perdoar.

Se tivermos sempre em mente que Deus “não age conosco segundo nossos pecados, e não nos retribui segundo nossas iniquidades” (Sl 103, 10), vivemos na misericórdia e na compaixão, e em nós surge o amor. Que o Senhor nos conceda amar em abundância, amar com o sorriso, com a proximidade, com o serviço e também com o choro.

4. “Bem-aventurados os mansos pois eles herdarão a terra” (Mt 5, 5)

Audiência geral - Quarta-feira, 19 de fevereiro de 2020

Na catequese de hoje, analisamos a terceira das oito bem-aventuranças do Evangelho de Mateus: “Bem-aventurados os mansos, pois eles herdarão a terra” (*Mt* 5, 5).

O termo “mansos” usado aqui significa literalmente meigo, dócil, gentil, sem violência. A mansidão manifesta-se em momentos de conflito, vê-se pela forma como se reage a uma situação hostil. Qualquer um pode parecer manso quando tudo está calmo, mas como reage “sob pressão” se for atacado, ofendido, agredido?

Numa passagem, São Paulo recorda a “mansidão e bondade de Cristo” (*2 Cor* 10, 1). E São Pedro, por sua vez, recorda a atitude de Jesus na Paixão: ele não respondia nem ameaçava, “antes, entregava-se àquele que julga com justiça” (*1 Pd* 2, 23). E a mansidão de Jesus é vista fortemente na sua Paixão.

Na Escritura a palavra “manso” também indica aquele que não possui terras; e por isso nos impressiona que a terceira bem-aventurança diga precisamente que os mansos “possuirão a terra”.

Na verdade, esta bem-aventurança menciona o Salmo 37, que ouvimos no início da catequese. Também nele, é estabelecida uma relação entre a mansidão e a posse da terra. Estas duas coisas, pensando bem, parecem incompatíveis. Na verdade, a posse da terra é a área típica de conflito: luta-se muitas vezes por um território, para se obter hegemonia sobre uma determinada área. Nas guerras prevalece o mais forte e conquista outras terras.

Mas vejamos bem o verbo usado para indicar a posse dos mansos: eles não conquistam a terra; não se diz “bem-aventurados os mansos porque eles conquistarão a terra”. Eles “*possuem-na*”. Bem-aventurados os mansos porque “possuirão” a terra. Nas Escrituras, o verbo “possuir” tem um significado maior. O Povo de Deus chama “posse” precisamente à terra de Israel que é a Terra Prometida.

Esta terra é uma promessa e uma oferenda para o povo de Deus, e torna-se sinal de algo muito maior do que apenas território. Há uma “terra” — permiti o trocadilho — que é o Céu, isto é, a terra para onde caminhamos: os novos céus e a nova terra rumo à qual caminhamos (cf. *Is* 65, 17; 66, 22; *2 Pd* 3, 13; *Ap* 21, 1).

Então o manso é aquele que “possui” o mais sublime dos territórios. Ele não é um covarde, um “débil” que encontra uma moralidade alternativa para se manter fora dos problemas. De modo algum! Trata-se de uma pessoa que recebeu uma herança e não a quer perder. O manso não é um indulgente, mas o discípulo de Cristo que aprendeu a defender uma terra diferente. Ele defende a sua paz, defende a sua relação com Deus, defende os seus dons, os dons de Deus, preservando a misericórdia, a fraternidade, a confiança, a esperança. Porque as pessoas mansas são pessoas misericordiosas, fraternas, confiantes e esperançosas.

Aqui devemos mencionar o pecado da *ira*, um movimento violento cujo impulso todos nós conhecemos. Quem nunca se zangou? Todos. Devemos inverter a bem-aventurança e questionar-nos: quantas coisas destruimos com a ira? O que perdemos? Um momento de cólera pode destruir muitas coisas; perde-se o controlo e não se avalia o que é realmente importante, e pode-se arruinar o relacionamento com um

irmão, às vezes sem remédio. Devido à ira, tantos irmãos já não se falam, afastam-se uns dos outros. É o oposto de mansidão. A mansidão reúne, a ira separa.

A mansidão significa conquistar muitas coisas. A mansidão é capaz de conquistar o coração, salvar amizades e muitas outras coisas, porque as pessoas ficam zangadas, mas depois acalmam-se, refletem e corrigem os seus passos, e assim pode-se reconstruir com a mansidão.

A “terra” a ser conquistada com mansidão é a salvação daquele irmão do qual fala o próprio Evangelho de Mateus: “Se ele te ouvir, ganhaste teu irmão” (Mt 18, 15). Não há terra mais bela do que o coração do próximo, não há território mais belo para ganhar do que a paz reencontrada com um irmão. E esta é a terra que se deve possuir com mansidão!

5. “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois eles serão saciados” (Mt 5, 6)

Audiência geral - Quarta-feira, 11 de março de 2020

Na audiência de hoje continuamos a meditar sobre o caminho luminoso da felicidade que o Senhor nos concedeu com as bem-aventuranças, e chegamos à quarta: “*Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois eles serão saciados*” (Mt 5, 6).

Já encontramos a pobreza de espírito e o choro; agora somos confrontados com outro tipo de fraqueza, aquela ligada à fome e à sede. *Fome e sede* são necessidades básicas, referem-se à sobrevivência. Isto deve ser enfatizado: aqui não se trata de um desejo genérico, mas de uma exigência vital e diária, como a alimentação.

Mas o que significa ter fome e *sede de justiça*? Certamente não estamos a falar daqueles que querem vingança, pelo contrário, na bem-aventurança precedente falamos de mansidão. Certamente as injustiças ferem a humanidade; a sociedade humana tem uma necessidade urgente de equidade, verdade e justiça social; recordemos que o mal sofrido pelas mulheres e pelos homens do mundo chega ao coração de Deus Pai. Que pai não sofreria pela dor dos seus filhos?

As Escrituras falam da dor dos pobres e oprimidos que Deus conhece e compartilha. Por ter ouvido o grito de opressão levantado pelos filhos de Israel — como narra o Livro do Êxodo (cf. 3, 7-10) — Deus desceu para libertar o seu povo. Mas a fome e a sede de justiça de que o Senhor nos fala é ainda mais profunda do que a legítima necessidade de justiça humana que cada homem carrega no seu coração.

No mesmo “Sermão da Montanha”, um pouco mais adiante, Jesus fala de uma justiça maior do que o direito humano ou a perfeição pessoal, dizendo: “Se a vossa justiça não superar a dos escribas e dos

fariseus, não entrareis no reino dos Céus” (Mt 5, 20). E esta é a justiça que vem de Deus (cf. *1 Cor* 1, 30).

Nas Escrituras encontramos uma sede expressa mais profundamente do que a sede física, que é um desejo colocado na raiz do nosso ser. Um salmo diz: “Ó Deus, Tu és o meu Deus, desde a aurora e te busco. Minha alma tem sede de ti; por ti deseja minha carne, numa terra deserta, seca, sem água” (*Sl* 63, 2). Os Padres da Igreja falam desta inquietação que habita no coração do homem. Santo Agostinho diz: “Tu nos fizeste para ti, Senhor, e o nosso coração não encontrará a paz enquanto não repousar em ti” (*Confissões*, 1, 1.5). Há uma sede interior, uma fome interior, uma inquietação...

Em cada coração, até na pessoa mais corrupta e afastada do bem, está escondido um anseio de luz, mesmo que esteja sob escombros de engano e erro, mas há sempre uma sede de verdade e bondade, que é a sede de Deus. É o Espírito Santo que desperta esta sede: Ele é a água viva que moldou o nosso pó, Ele é o sopro criativo que lhe deu vida.

Por esta razão, a Igreja é enviada a proclamar a todos a Palavra de Deus, imbuída de Espírito Santo. Pois o Evangelho de Jesus Cristo é a maior justiça que pode ser oferecida ao coração da humanidade, que tem uma necessidade vital dele, mesmo sem se aperceber (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 2017: “A graça do Espírito Santo confere-nos a justiça de Deus. Unindo-nos, pela fé e pelo Batismo, à paixão e ressurreição de Cristo, o Espírito Santo faz-nos participar da sua vida”).

Por exemplo, quando um homem e uma mulher se casam têm a intenção de fazer algo grande e belo, e se mantiverem viva essa sede encontrarão sempre o caminho a seguir, no meio dos problemas, com a ajuda da Graça. Até os jovens têm esta fome, e não devem perdê-la! É necessário proteger e alimentar no coração das crianças este desejo de amor, de ternura, de acolhimento que expressam nos seus impulsos sinceros e luminosos.

Cada pessoa é chamada a redescobrir o que realmente importa, o que realmente precisa, o que a faz viver bem e, ao mesmo tempo, o que é secundário, e aquilo a que pode tranquilamente renunciar.

Jesus proclama nesta bem-aventurança — fome e sede de justiça — que há uma sede que não será desiludida; uma sede que, se for satisfeita, será saciada e será sempre bem sucedida, porque corresponde ao próprio coração de Deus, ao seu Espírito Santo que é amor, e também à semente que o Espírito Santo semeou nos nossos corações. Que o Senhor nos conceda esta graça: ter esta sede de justiça que é precisamente o desejo de o encontrar, de ver Deus e de fazer o bem aos outros.

6. “Bem-aventurados os misericordiosos, pois eles alcançarão misericórdia” (Mt 5, 7).

Audiência geral - Quarta-feira, 19 de março de 2020

Hoje meditamos sobre a quinta bem-aventurança, que diz: “*Bem-aventurados os misericordiosos, pois eles alcançarão misericórdia*” (Mt 5, 7). Nesta bem-aventurança há uma particularidade: é a única em que a causa e o fruto da felicidade coincidem, a misericórdia. Aqueles que exercem a misericórdia encontrarão misericórdia, serão “misericordiosos”.

Este tema da reciprocidade do perdão não está presente apenas nesta bem-aventurança, mas é recorrente no Evangelho. E como poderia ser de outra forma? A misericórdia é o próprio coração de Deus! Jesus diz: “Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados” (Lc 6, 37). Sempre a mesma reciprocidade. E a Carta de Tiago afirma que “a misericórdia, porém, triunfa sobre o julgamento” (2, 13).

Mas é sobretudo no Pai-Nosso que rezamos: “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores” (Mt 6, 12); e este é o único pedido retomado no final: “Com efeito, se perdoardes as faltas uns aos outros, também vos perdoará o vosso Pai que está nos céus. Se vós, porém, não perdoardes aos outros, vosso Pai também não perdoará as vossas faltas” (Mt 6, 14-15; cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2.838).

Existem dois elementos que não podem ser separados: o perdão oferecido e o perdão recebido. Mas muitas pessoas sentem-se em dificuldade, não conseguem perdoar. Muitas vezes o mal recebido é tão grande que conseguir perdoar se parece com a escalada de uma montanha muito alta: um esforço enorme; e pensamos: não se pode, isto não se pode! Esta questão da reciprocidade da misericórdia indica que temos necessidade de inverter a perspectiva. Sozinhos não conseguimos, precisamos da graça de Deus, devemos pedi-la. Com efeito, se a quinta bem-aventurança promete encontrar misericórdia, e no Pai-Nosso pedimos a remissão das dívidas, isto significa que somos essencialmente devedores e temos necessidade de encontrar misericórdia!

Todos nós somos devedores, todos! A Deus, que é tão generoso, e aos nossos irmãos. Cada pessoa sabe que não é o pai ou a mãe, o esposo ou a esposa, o irmão ou a irmã que deveria ser. Todos nós estamos “em falta” na vida. E precisamos de misericórdia. Sabemos que também nós praticamos o mal, falta sempre algo para o bem que deveríamos ter feito.

Mas é precisamente esta nossa pobreza que se torna a força para perdoar! Somos devedores e se, como ouvimos no início, formos medidos pela medida com que medimos os outros (cf. Lc 6, 38), então convém-nos alargar a medida e perdoar as ofensas, perdoar. Cada um deve recordar-se que tem necessidade de perdoar, que precisa do perdão, que precisa da paciência; este é o segredo da misericórdia: *é perdoando que somos perdoados*. Porque Deus nos precede e nos perdoa primeiro (cf. Rm 5, 8). Recebendo o seu perdão nós, por nossa vez, tornamo-nos capazes de perdoar. Assim, a nossa miséria e a nossa falta de justiça tornam-se ocasião para nos abirmos ao reino dos céus, a uma medida maior, à medida de Deus, que é a misericórdia!

De onde nasce a nossa misericórdia? Jesus disse-nos: “Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6, 36). Quanto mais aceitarmos o amor do Pai, tanto mais amaremos (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2.842). A misericórdia não é uma dimensão entre outras, mas constitui o cerne da vida cristã: não há cristianismo sem misericórdia [cf. São João Paulo II, Encíclica *Dives in*

miserericórdia (30 de novembro de 1980); Bula *Misericordiae vultus* (11 de abril de 2015); Carta Apostólica *Misericordia et misera* (20 de novembro de 2016)]. Se todo o nosso cristianismo não nos leva à misericórdia, erramos o caminho, pois a misericórdia é a única meta verdadeira de todo o caminho espiritual. Constitui um dos frutos mais bonitos da caridade (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1.829).

Recordo que este tema foi escolhido desde o primeiro *Angelus* que recitei como Papa: a misericórdia. E isto ficou muito gravado em mim, como uma mensagem que, como Papa, eu deveria transmitir sempre, uma mensagem que deve ser de todos os dias: a misericórdia. Recordo que naquele dia assumi também uma atitude um pouco “descarada” de fazer publicidade de um livro sobre a misericórdia, que tinha acabado de ser publicado pelo cardeal Kasper. E naquele dia senti muito fortemente que, como Bispo de Roma, esta é a mensagem que devo transmitir: misericórdia, misericórdia, por favor, perdão!

A misericórdia de Deus é a nossa libertação e a nossa felicidade. Vivemos de misericórdia e não nos podemos dar ao luxo de viver sem misericórdia: é o ar que se deve respirar! Somos demasiado pobres para estabelecer as condições, temos necessidade de perdoar, porque precisamos de ser perdoados. Obrigado!

7. “Bem-aventurados os puros de coração, pois eles verão a Deus” (Mt 5, 8)

Audiência geral - Quarta-feira, 1 de abril de 2020

Hoje lemos juntos a sexta bem-aventurança, que promete a visão de Deus e tem como condição a *pureza do coração*.

Diz um Salmo: “Meu coração me lembra teu apelo: “Buscai a minha face!”. Sim, a tua face, Senhor, eu busco. Não afastes de mim o teu rosto” (27, 8-9).

Esta linguagem manifesta a sede de uma relação pessoal com Deus, não mecânica, nem um pouco nebulosa, não: pessoal, que até o livro de Job expressa como sinal de um relacionamento sincero. Diz assim o livro de Job: “Eu te conhecia só de ouvir dizer, mas, agora, vejo-te com meus próprios olhos” (Jb 42, 5). E muitas vezes eu penso que este é o caminho da vida, no nosso relacionamento com Deus. Conhecemos a Deus pelo ouvir dizer, mas com a nossa experiência vamos em frente, em frente, em frente e no final conhecê-lo-emos diretamente, se formos fiéis... E esta é a maturidade do Espírito.

Como se chega a esta intimidade, a conhecer Deus com os olhos? Pode-se pensar nos discípulos de Emaús, por exemplo, que têm o Senhor Jesus ao seu lado, “os seus olhos, porém, estavam como impedidos de reconhecê-lo” (Lc 24, 16). O Senhor abrir-lhes-á os olhos no final de uma viagem que

culminará com o partir do pão e começará com uma censura: “Como sois sem inteligência e lentos para crer em tudo o que os profetas falaram!” (Lc 24, 25). Esta é a reprovação do início. Eis a origem da sua cegueira: o seu coração sem inteligência e lento. E quando o coração é insensato e lento, não se veem as coisas. Veem-se um pouco enevoadas. Aqui está a sabedoria desta bem-aventurança: para a contemplar é necessário cair em nós mesmos e dar lugar a Deus, porque, como diz Santo Agostinho, “Deus é mais íntimo de mim do que eu mesmo” (“*interior intimo meo*”: *Confissões*, III, 6, 11). Para ver Deus não é preciso mudar de óculos ou de ponto de observação, nem mudar os autores teológicos que ensinam o caminho: é preciso libertar o coração dos seus enganos! Só este é o caminho.

Esta é uma maturação decisiva: quando percebemos que o nosso pior inimigo está muitas vezes escondido no nosso coração. A batalha mais nobre é contra os enganos interiores que os nossos pecados geram. Porque os pecados mudam a visão interior, eles mudam a avaliação das coisas, eles fazem-nos ver coisas que não são verdadeiras, ou pelo menos que não são *tão* verdadeiras.

Por conseguinte, é importante entender o que é “*pureza do coração*”. Para o fazer, é preciso lembrar que para a Bíblia o coração não consiste apenas em sentimentos, mas é o lugar mais íntimo do ser humano, o espaço interior onde uma pessoa é ela mesma. Isto, de acordo com a mentalidade bíblica.

O próprio Evangelho de Mateus diz: “Ora, se a luz em ti é trevas, quão densas serão essas trevas” (6, 23). Esta “luz” é o olhar do coração, a perspectiva, a síntese, o ponto a partir do qual se lê a realidade (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 143).

Mas o que significa coração “*puro*”? O puro de coração vive na presença do Senhor, conservando no coração o que é digno da relação com Ele; só assim possui uma vida “*unificada*”, linear, não tortuosa, mas simples.

Assim, o coração purificado é o resultado de um processo de libertação e renúncia. O *puro de coração* não nasce assim, experimentou uma simplificação interior, aprendendo a negar o mal em si mesmo, algo que na Bíblia se chama *circuncisão do coração* (cf. Dt 10, 16; 30, 6; Ez 44, 9; Jr 4, 4).

Esta purificação interior implica o reconhecimento daquela parte do coração que está sob a influência do mal — “Sabe, Padre, sinto-me assim, penso assim, vejo assim, e isto é mau”: reconhecer a parte má, a parte que está enevoadada pelo mal — para aprender a arte de se deixar sempre ensinar e guiar pelo Espírito Santo. O percurso do coração doente, do coração pecador, do coração que não pode ver bem as coisas, porque está em pecado, até à plenitude da luz do coração é obra do Espírito Santo. É Ele quem nos guia por este caminho. Eis que, por este caminho do coração, chegamos a “ver Deus”.

Nesta *visão beatífica* há uma dimensão futura, escatológica, como em todas as bem-aventuranças: é a alegria do Reino dos Céus para onde vamos. Mas há também a outra dimensão: ver Deus significa compreender os desígnios da Providência naquilo que nos acontece, reconhecer a sua presença nos Sacramentos, a sua presença nos nossos irmãos, especialmente nos pobres e nos que sofrem, e reconhecê-lo onde Ele se manifesta (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 2519).

Esta bem-aventurança é um pouco fruto das anteriores: se ouvimos a sede do bem que habita em nós e temos consciência de que vivemos de misericórdia, começa um caminho de libertação que dura a vida inteira e nos conduz ao Céu. É uma obra séria, uma obra que o Espírito Santo faz se lhe dermos espaço

para que o faça, se estivermos abertos à ação do Espírito Santo. Por isso podemos dizer que é uma obra de Deus em nós — nas provas e purificações da vida — e esta obra de Deus e do Espírito Santo conduz a uma grande alegria, a uma paz verdadeira. Não tenhamos medo, abramos as portas do nosso coração ao Espírito Santo para que ele nos purifique e nos conduza por este caminho rumo à alegria plena.

8. “Bem-aventurados os que promovem a paz, pois eles serão chamados filhos de Deus” (Mt 5, 9).

Audiência geral - Quarta-feira, 15 de abril de 2020

A catequese de hoje é dedicada à sétima bem-aventurança, a dos “pacificadores”, que são proclamados filhos de Deus. Regozijo-me por ela se realizar imediatamente após a Páscoa, porque a paz de Cristo é fruto da sua morte e ressurreição, como ouvimos na Leitura de São Paulo. Para compreender esta bem-aventurança, é preciso explicar o sentido da palavra “paz”, que pode ser mal entendido ou, às vezes, banalizado.

Devemos orientar-nos entre duas ideias de paz: a primeira é a bíblica, onde aparece a maravilhosa palavra *shalom*, que exprime abundância, prosperidade, bem-estar. Quando em hebraico se deseja *shalom*, deseja-se uma vida boa, plena, próspera, mas também de acordo com a verdade e a justiça, as quais terão cumprimento no Messias, Príncipe da paz (cf. *Is* 9, 6; *Mq* 5, 4-5).

Depois há o outro sentido, mais generalizado, em que a palavra “paz” é entendida como uma espécie de tranquilidade interior: estou tranquilo, estou em paz. Esta é uma ideia moderna, psicológica e mais subjetiva. Pensa-se geralmente que a paz é sossego, harmonia, equilíbrio interior. Este conceito da palavra “paz” é incompleto e não pode ser absolutizado, porque na vida o desassossego pode ser um importante momento de crescimento. Muitas vezes é o próprio Senhor que semeia a inquietação em nós para irmos ao seu encontro, para o encontrarmos. Neste sentido, é um momento importante de crescimento; enquanto pode acontecer que a tranquilidade interior corresponda a uma consciência domesticada, e não a uma verdadeira redenção espiritual. Muitas vezes o Senhor deve ser um “sinal de contradição” (cf. *Lc* 2, 34-35), abalando as nossas falsas certezas para nos conduzir à salvação. E nesse momento parece que não temos paz, mas é o Senhor que nos coloca neste caminho para alcançarmos a paz que Ele próprio nos concederá.

Neste ponto devemos recordar que o Senhor entende a *sua* paz como diferente da humana, a do mundo, quando diz: “Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Eu não a dou, como a dá o mundo” (*Jo* 14, 27). A de Jesus é outra paz, diferente da paz mundana.

Perguntemo-nos: como dá o mundo a paz? Se pensarmos nos conflitos bélicos, normalmente as guerras terminam de duas maneiras: ou com a derrota de uma das duas partes, ou com tratados de paz. Só podemos esperar e rezar para que se siga sempre este segundo caminho; mas temos de considerar que a história é uma série interminável de tratados de paz desmentidos por guerras sucessivas, ou pela metamorfose destas mesmas guerras em outras formas ou noutros lugares. Até no nosso tempo, uma guerra “aos pedaços” é travada em vários cenários e de diferentes formas (cf. *Homilia no Sacrário Militar de Redipuglia*, 13 de setembro de 2014; *Homilia em Sarajevo*, 6 de junho de 2015; *Discurso ao Pontifício Conselho para os Textos Legislativos*, 21 de fevereiro de 2020). Devemos pelo menos suspeitar que, no contexto de uma globalização feita sobretudo de interesses econômicos ou financeiros, a “paz” de uns corresponde à “guerra” de outros. E esta não é a paz de Cristo!

Ao contrário, como “dá” a sua paz o Senhor Jesus? Ouvimos São Paulo dizer que a paz de Cristo é “*de dois povos fez um só*” (cf. *Ef 2, 14*), anular a inimizade e reconciliar. E o caminho para realizar esta obra de paz é o seu corpo. Com efeito, Ele reconcilia todas as coisas e faz as pazes com o sangue da sua cruz, como o mesmo Apóstolo diz noutro lugar (cf. *Cl 1, 20*).

E aqui interrogo-me: todos podemos perguntar-nos: portanto, quem são os “pacificadores”? A sétima bem-aventurança é a mais ativa, explicitamente operativa; a expressão verbal é análoga àquela utilizada para a criação no primeiro versículo da Bíblia e indica iniciativa e laboriosidade. O amor pela sua natureza é criativo — o amor é sempre criativo — e procura a reconciliação custe o que custar. São chamados filhos de Deus aqueles que aprenderam a arte da paz e que a praticam, sabem que não há reconciliação sem o dom da própria vida, e que a paz deve ser procurada sempre e de todas as formas. Sempre e de todas as formas: não vos esqueçais disto! Deve ser procurada assim. Esta não é uma obra autônoma, fruto das próprias capacidades; é manifestação da graça recebida de Cristo, que é a nossa paz, que nos fez filhos de Deus.

O verdadeiro *shalom* e o autêntico equilíbrio interior brotam da paz de Cristo, que vem da sua Cruz e gera uma nova humanidade, encarnada numa infinita plêiade de Santos e Santas, inventivos e criativos, que conceberam formas sempre novas de amar. Os Santos e as Santas que edificam a paz. Esta vida de filhos de Deus, que pelo sangue de Cristo procuram e reencontram os seus irmãos, é a verdadeira felicidade. Bem-aventurados aqueles que seguem este caminho.

9. “Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, pois deles é o reino dos céus” (Mt 5, 10).

Audiência geral - Quarta-feira, 29 de abril de 2020

Com a audiência de hoje concluímos o percurso das bem-aventuranças evangélicas. Como ouvimos, na última proclama-se a alegria escatológica de quantos são perseguidos por causa da justiça.

Esta bem-aventurança anuncia a mesma felicidade da primeira: o reino dos Céus pertence aos perseguidos, assim como aos pobres em espírito; portanto, compreendemos que chegamos ao fim de um percurso unitário desvendado nos anúncios precedentes.

A pobreza de espírito, o pranto, a mansidão, a sede de santidade, a misericórdia, a purificação do coração e as obras de paz podem levar à perseguição por causa de Cristo, mas no final esta perseguição é motivo de alegria e de grande recompensa nos Céus. A vereda das bem-aventuranças é um caminho pascal que conduz de uma vida em conformidade com o mundo para a vida segundo Deus, de uma existência guiada pela carne — isto é, pelo egoísmo — para a vida orientada pelo Espírito.

Com os seus ídolos, os seus compromissos e as suas prioridades, o mundo não pode aprovar este tipo de existência. As “estruturas de pecado” (cf. *Discurso aos participantes no simpósio “Novas formas de fraternidade solidária, inclusão, integração e inovação”*, 5 de fevereiro de 2020: “A idolatria do dinheiro, a ganância e a corrupção são todas “estruturas de pecado” - como João Paulo II as definiu - causadas pela “globalização da indiferença”), frequentemente produzidas pela mentalidade humana, tão alheias ao Espírito da Verdade que o mundo não pode receber (cf. *Jo 14, 17*), não podem deixar de rejeitar a pobreza, ou a mansidão, ou a pureza, declarando que a vida segundo o Evangelho é como um erro e um problema, portanto como algo a marginalizar. O mundo pensa assim: “Eles são idealistas ou fanáticos...”. É assim que eles pensam.

Se o mundo vive em função do dinheiro, quem quer que demonstre que a vida pode ser vivida no dom e na renúncia torna-se um incômodo para o sistema de ganância. Esta palavra “incômodo” é fundamental, pois só o testemunho cristão, que é tão bom para tantas pessoas porque o seguem, incomoda aqueles que têm uma mentalidade mundana. Vivem-no como uma repreensão. Quando se manifesta a santidade e sobressai a vida dos filhos de Deus, em tal beleza há algo de incômodo que exige uma tomada de posição: ou deixar-se questionar e abrir-se ao bem, ou rejeitar aquela luz e endurecer o coração, até à oposição e à obstinação (cf. *Sb 2, 14-15*). É curioso, chama a atenção ver como, nas perseguições dos mártires, a hostilidade cresce até à obstinação. É suficiente considerar as perseguições do século passado, das ditaduras europeias: como se chega à obstinação contra os cristãos, contra o testemunho cristão e contra a heroicidade dos cristãos.

Mas isto demonstra que o drama da perseguição é também o lugar da libertação da submissão ao sucesso, à vanglória e aos compromissos do mundo. Do que se alegra quem é rejeitado pelo mundo por causa de Cristo? Regozija-se por ter encontrado algo que vale mais do que o mundo inteiro. Com efeito, “que adianta a alguém ganhar o mundo inteiro e arruinar a sua vida?” (*Mc 8, 36*). Que vantagem há nisto?

É doloroso recordar que, neste momento, há muitos cristãos que padecem perseguição em várias partes do mundo, e devemos esperar e rezar para que a sua tribulação seja impedida o mais rapidamente possível. Há muitos: os mártires de hoje são mais numerosos do que os mártires dos primeiros séculos. Manifestemos a nossa proximidade a estes irmãos e irmãs: somos um só corpo, e estes cristãos são os membros ensanguentados do Corpo de Cristo, que é a Igreja.

Mas devemos ter também o cuidado de não ler esta bem-aventurança numa perspectiva de vitimismo, de autocomiseração. Com efeito, o desprezo pelos homens nem sempre é sinônimo de perseguição: logo depois, Jesus diz que os cristãos são o “*sal da terra*”, e alerta contra o perigo de “perder o sabor”; caso contrário, o sal “não servirá para mais nada, senão para ser jogado fora e pisado pelos passantes” (*Mt* 5, 13). Portanto, existe também um desprezo que é por nossa culpa, quando perdemos o sabor de Cristo e do Evangelho.

É preciso ser fiel à senda humilde das bem-aventuranças, pois é isto que leva a ser de Cristo e não do mundo. Vale a pena recordar o itinerário de São Paulo: quando se julgava justo, na realidade era um perseguidor, mas quando descobriu que era um perseguidor, tornou-se um homem de amor, enfrentando com júbilo os sofrimentos da perseguição que suportava (cf. *Cl* 1, 24).

A exclusão e a perseguição, se Deus nos concede a graça, tornam-nos semelhantes a Cristo Crucificado e, associando-nos à sua Paixão, são a manifestação da vida nova. Esta vida é a mesma de Cristo, que por nós homens e pela nossa salvação foi “desprezado e rejeitado pelos homens” (cf. *Is* 53, 3; *At* 8, 30-35). Aceitar o seu Espírito pode levar-nos a ter tanto amor no nosso coração, a ponto de oferecermos a vida pelo mundo, sem ceder a compromissos com as suas falácias e aceitando a sua rejeição. Os compromissos com o mundo são o perigo: o cristão é sempre tentado a ceder a compromissos com o mundo, com o espírito do mundo. Esta — rejeitar os compromissos e seguir o caminho de Jesus Cristo — é a vida do Reino dos Céus, a maior alegria, a verdadeira felicidade. Além disso, nas perseguições há sempre a presença de Jesus que nos acompanha, a presença de Jesus que nos consola e a força do Espírito que nos ajuda a seguir em frente. Não desanimemos quando uma vida coerente com o Evangelho atrai as perseguições das pessoas: há o Espírito que nos ampara neste caminho.